

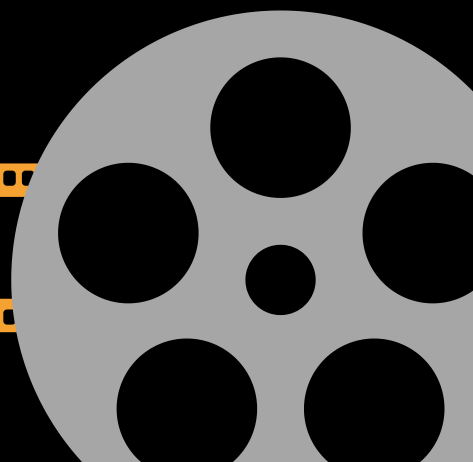
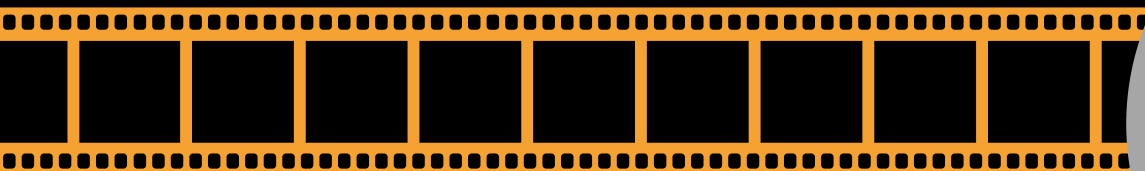
PORTFÓLIO



Flávio Alves

Pesquisador, Diretor Audiovisual e Coordenador Cultural

Pesquisador e diretor audiovisual, com 30 anos de atuação cultural. Atua na formação de crianças e adolescentes e na implantação do Museu Migalhas do Sertão, com trabalho em memória, patrimônio e educação patrimonial no Sertão Central.



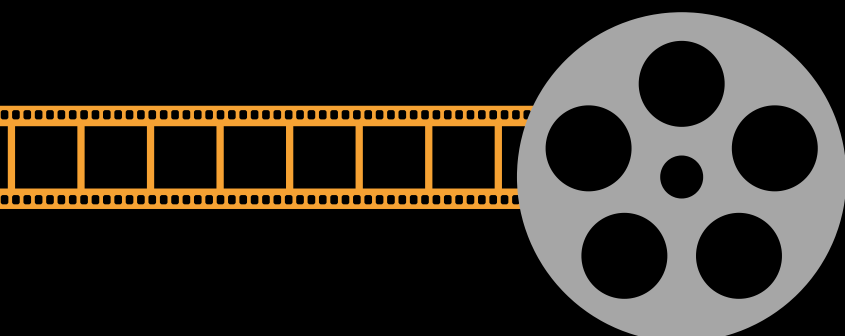
Flávio Alves

Flávio Alves é pesquisador, diretor audiovisual e agente cultural, com aproximadamente 30 anos de atuação na área da cultura, destacando-se pela mediação cultural, pela formação artística de crianças e adolescentes e pelo trabalho com memória, patrimônio e território. Sua trajetória articula pesquisa histórica, produção cultural e processos formativos, com forte vínculo com Senador Pompeu (CE), o Sítio Histórico do Patu, os campos de concentração e as narrativas das secas no Ceará.

Atualmente, é um dos idealizadores e coordenadores do processo de implantação do Museu Migalhas do Sertão, museu de caráter híbrido (físico e digital) voltado à preservação da memória das secas, dos campos de concentração e da Caminhada da Seca. Atua na curadoria inicial do acervo, na organização de pertences, documentos e objetos históricos, no registro de testemunhos de sobreviventes e na mediação cultural junto à comunidade, desenvolvendo ações de salvaguarda, educação patrimonial e difusão da memória do território.

Na década de 1990, idealizou e coordenou um Centro Cultural em Senador Pompeu, onde desenvolveu ações formativas contínuas nas áreas de teatro, dança, artesanato e acesso à informática, formando mais de 500 crianças e adolescentes oriundos de escolas públicas e comunidades locais. Nesse espaço, atuou diretamente como mediador cultural, promovendo processos de aprendizagem baseados na escuta, na experimentação artística e na valorização dos saberes do território.

Atuou como mediador e formador em oficinas de teatro, dança e audiovisual em diferentes contextos educativos. Integrou a equipe de formação da Tapera das Artes (Aquiraz-CE), mediando oficinas de roteiro, captação e edição audiovisual. Foi mediador no Projeto Interação, realizado em escolas públicas de Fortaleza, Cascavel e municípios da Região Metropolitana, conduzindo oficinas voltadas à iniciação audiovisual de crianças e adolescentes.



Museu

Migalhas do Sertão

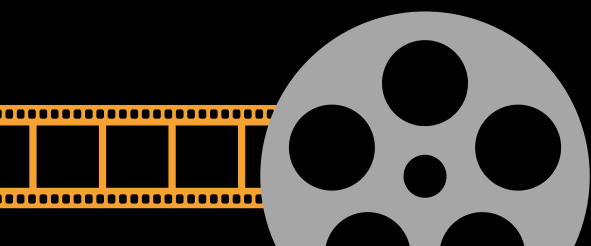


Sede do Museu



O Museu Migalhas do Sertão é um museu de caráter híbrido (físico e digital) em processo de implantação, dedicado à preservação e difusão da memória das secas, dos campos de concentração e da Caminhada da Seca no Sertão Central do Ceará.

Idealizado por Flávio Alves, o museu reúne objetos, pertences, documentos, registros audiovisuais e testemunhos de sobreviventes, articulando pesquisa histórica, curadoria inicial, educação patrimonial e mediação cultural. A proposta integra exposições presenciais e recursos digitais, com foco na valorização do território, na cultura popular e na formação de públicos.

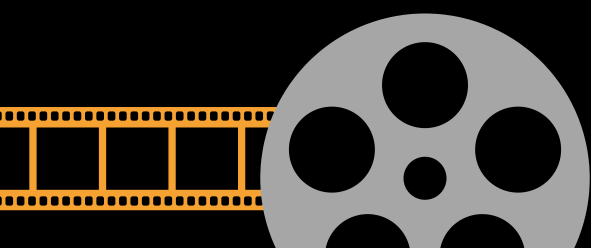


Museu

Migalhas do Sertão



Acervo Material do Museu

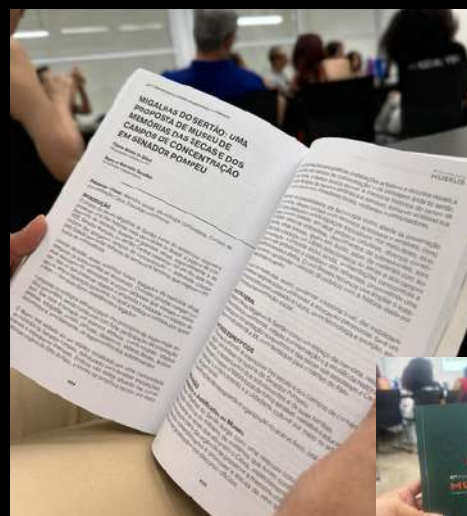


Museu

Migalhas do Sertão

6º Fórum de Museus

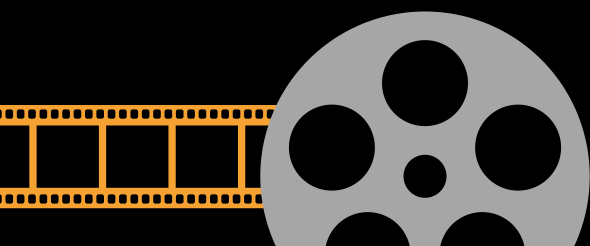
Pinacoteca do Ceará



O projeto “Migalhas do Sertão: Um museu de memória das secas e dos campos de concentração em Senador Pompeu” foi apresentado durante o 6º Fórum de Museus, realizado na Pinacoteca do Ceará, evento que reuniu pesquisadores, gestores e profissionais de museus de todo o estado.

O artigo sobre o projeto foi publicado na coletânea oficial do evento, consolidando sua relevância como iniciativa voltada à preservação da memória histórica e cultural do Ceará.

A apresentação marcou um passo significativo na construção do Museu Migalhas do Sertão, espaço dedicado à valorização das histórias, testemunhos e objetos que compõem o patrimônio imaterial das populações afetadas pelas secas e pelos campos de concentração.

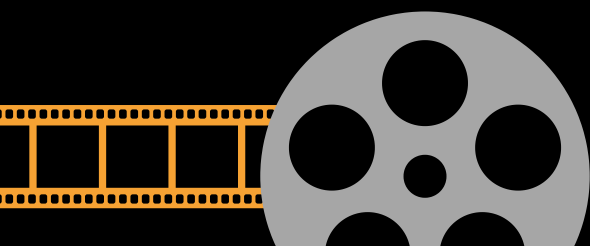
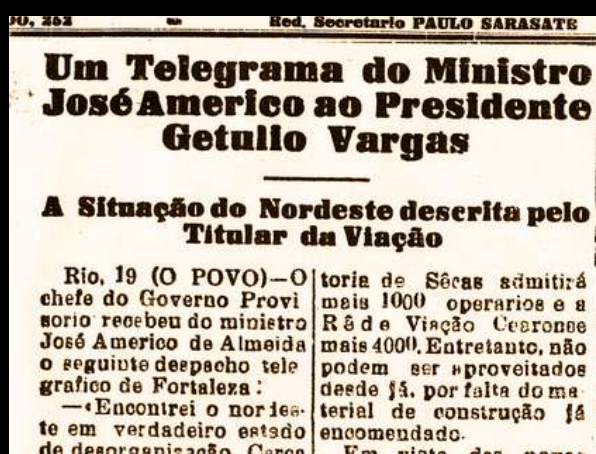


Museu

Migalhas do Sertão



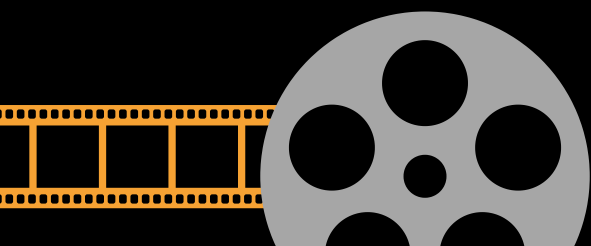
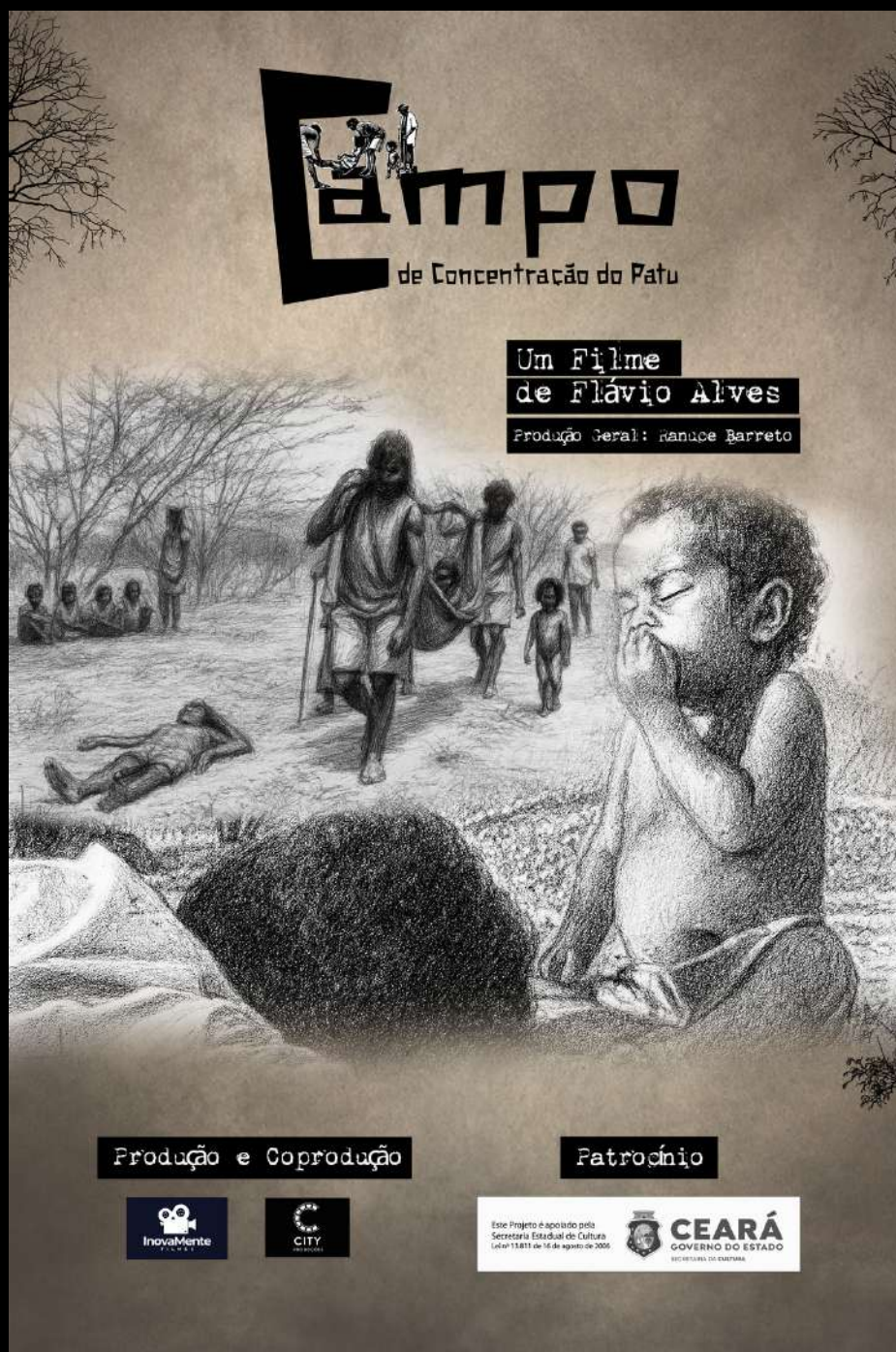
Acervo Material do Museu



Documentário



Produção: InovaMente Filmes



Documentário



Produção: InovaMente Filmes

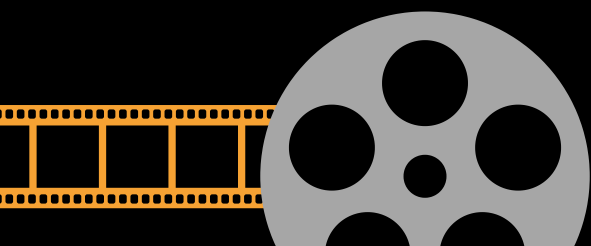


O Campo de Concentração do Patu, em Senador Pompeu, é um dos episódios mais marcantes e dolorosos da seca de 1932. Neste campo, milhares de retirantes foram confinados em condições extremas de fome, doença e abandono, revelando um capítulo pouco reconhecido da nossa história.

Produzido pela InovaMente Filmes, o curta-metragem documental O Campo de Concentração do Patu resgata a memória desse lugar de dor e resistência, trazendo à tona histórias silenciadas por décadas e destacando a importância de preservar esse patrimônio humano.

A produtora assina toda a realização da obra, unindo rigor histórico, sensibilidade artística e compromisso social para reconstruir, por meio da linguagem audiovisual, uma narrativa que honra as vítimas e provoca reflexão.

O filme reafirma a missão da InovaMente de transformar memória em consciência, fazendo do cinema um instrumento de preservação dos direitos humanos e garantindo que a história do Patu — e de todos que ali sofreram — jamais seja esquecida.

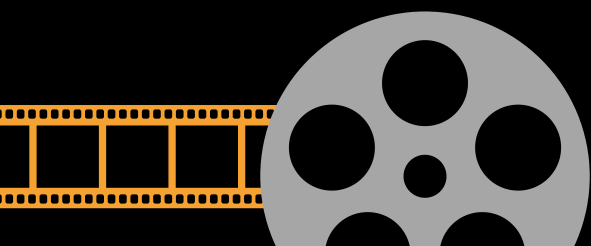


Documentário



Produção: InovaMente Filmes

Campo de Concentração do Patu

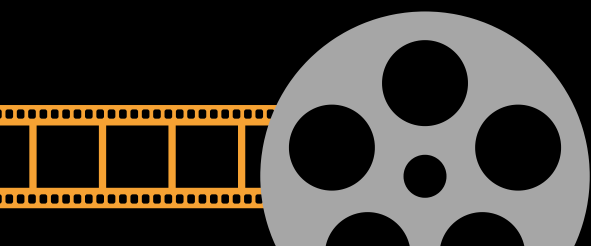


Documentário



Produção: InovaMente Filmes

Campo de Concentração do Patu

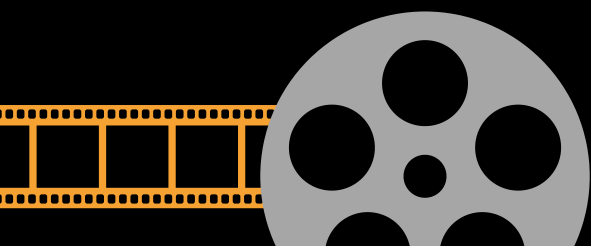
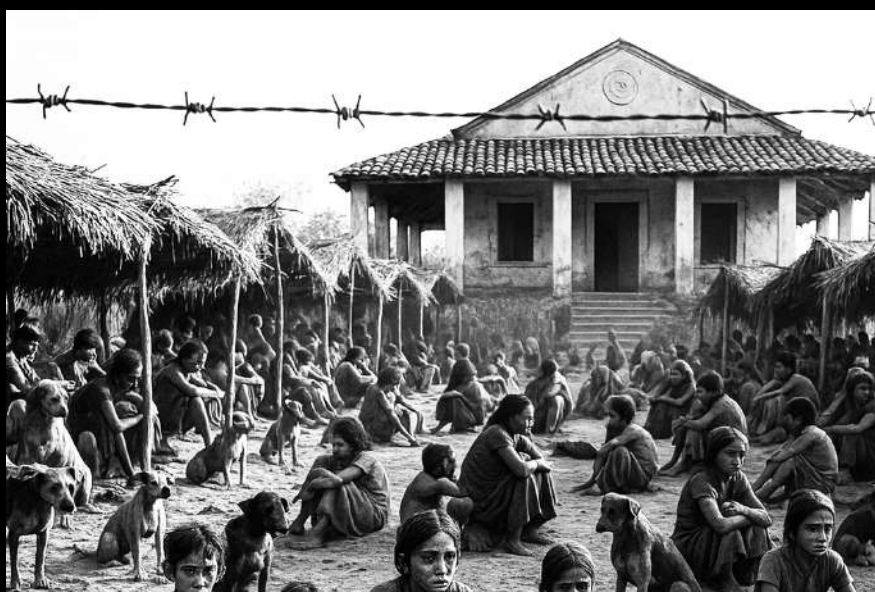


Documentário



Produção: InovaMente Filmes

Campo de Concentração do Patu



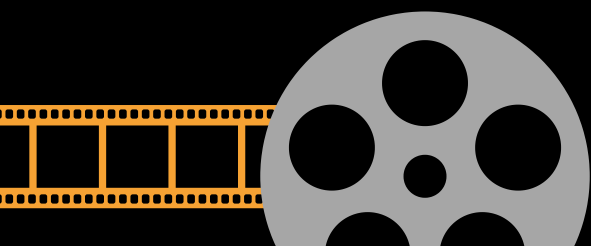
Documentário



Produção: InovaMente Filmes

Campo de Concentração do Patu

Reconstituição de Cenas



Documentário

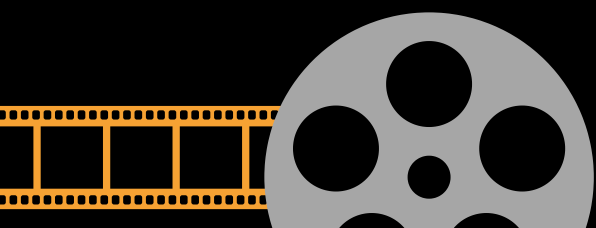


Produção: InovaMente Filmes

Campo de Concentração do Patu Festival Curta Canoa



Campo de Concentração do Patu integrou a seleção oficial do Festival Latino-americano Curta Canoa e recebeu Menção Honrosa de Pesquisa Histórica em Documentário, destacando-se pelo rigor histórico e pela valorização da memória das secas no Ceará.



Documentário

os 7 Campos



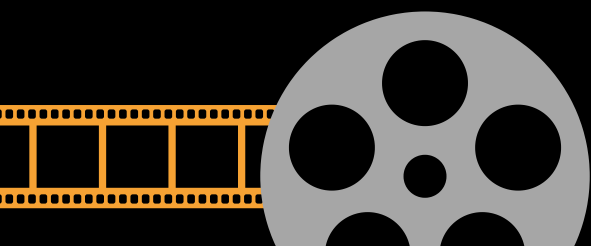
"Os 7 Campos" revela os horrores dos campos de concentração no Ceará durante a seca de 1932



os 7 Campos

UM DOCUMENTÁRIO
de Flávio Alves

PRODUÇÃO | PESQUISA | DIREÇÃO E ROTEIRO
Ranuce Barreto | Valdecy Alves | Flávio Alves



Documentário

os 7 Campos



Longa-metragem documental que traz um panorama inédito sobre os sete campos de concentração criados no Ceará durante a grande seca de 1932. A obra dá voz aos sobreviventes e lança luz sobre um dos episódios mais silenciados da história brasileira, com reconstruções audiovisuais e entrevistas com especialistas que ajudam a revelar a dimensão humana e social dessa tragédia.



Documentário

os 7 Campos

Lançamento Nacional



O documentário "Os 7 Campos", dirigido por Flávio Alves, com produção executiva de Ranuce Barreto e produção da Inovamente Filmes, está em lançamento nacional pelo Brasil, em sessões abertas ao público realizadas em espaços culturais, universidades e escolas.

A obra resgata a história dos campos de concentração do Ceará, criados durante a seca de 1932, e reafirma o compromisso do projeto com a preservação da memória, da cultura e da identidade do povo sertanejo.



Documentário

os 7 Campos

Lançamento Nacional



Exibição na FECLESC – Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (UECE), em Quixadá, em uma sessão voltada à comunidade acadêmica.

O lançamento reuniu professores, pesquisadores e estudantes que estudam temas relacionados à memória, direitos humanos e história social do Ceará. Após a exibição, foi realizada uma roda de conversa sobre o conteúdo e o processo de produção do filme, destacando a relevância do acervo histórico reunido e a qualidade da obra.

O debate ressaltou a importância do documentário como instrumento de reflexão sobre racismo, exclusão social e violações de direitos humanos, promovendo um diálogo profundo entre o audiovisual e a pesquisa acadêmica.



Documentário

os 7 Campos



O projeto contou com entrevistas de pesquisadores, historiadores, professores e estudiosos do tema, que trouxeram diferentes olhares e aprofundaram a compreensão sobre os campos de concentração, as políticas de controle social e os impactos das grandes secas no Ceará.



Documentário

os 7 Campos



Esses depoimentos enriquecem a narrativa e dão voz a quem há anos se dedica a estudar e revelar essa parte esquecida da nossa história.



Dcoumentário os 7Campos



Dcoumentário

os 7 Campos



Cenas do Filme



Documentário

os 7 Campos



Cenas do Filme



Documentário

os 7 Campos

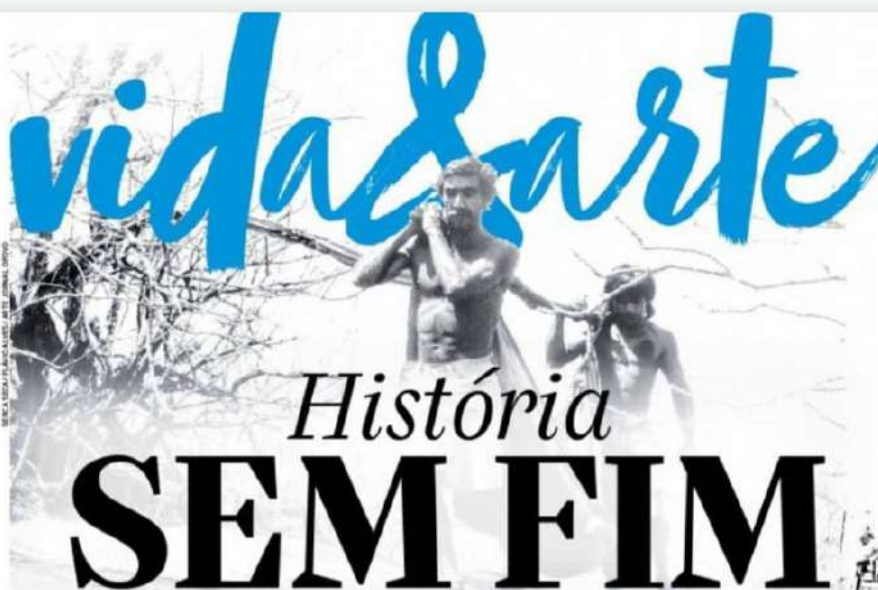


Cenas do Filme



Documentário

os 7 Campos



HISTÓRIA Realizador audiovisual de Senador Pompeu, Flávio Alves pesquisa, há décadas, a história dos campos de concentração no Ceará. Ele se prepara para lançar filme com entrevista inédita da Rachel de Queiroz

CULHERME SQUEIRA
ESPÍRITO SANTO 1998
todas as imagens são de Flávio Alves

Flávio Alves quer contar uma história há quase 30 anos. Filho da cidade de Senador Pompeu, a 100 quilômetros da capital, ele trabalhou para que os debates sobre os campos de concentração, capítulo sombrio da história cearense, não ficassem na memória coletiva do Estado.

O realizador nacionalista tem desenvolvido ampla pesquisa sobre a trajetória de sertanejos que, no início do século 20, fugiram da seca e foram confinados para que não chegassem a Fortaleza. Detalhando dificuldades organizacionais para buscar a produção, Flávio se prepara agora para lançar o longa-metragem "Os Sete Campos".

Baseado nos relatos de um livro, "Os Sete Campos", o filme narra a história de um grupo de homens que, em 1915, foram enviados para o campo de concentração de Senador Pompeu. Apesar de pouca experiência à época, conseguiu compilar uma densa obra de pesquisa, mas não a última vez que criou conteúdo sobre os campos. Agora, está focado em tirar dos sete campos que foram erguidos no Ceará no começo do século 20.

Durante o correr dos anos 1990 até aqui, a pesquisa para o documentário nunca se encerra, mesmo no período em que Flávio precisava conseguir o preço: 100 mil reais para pagar os custos. O pesquisador reuniu, no longo dos anos, um acervo de 30 toneladas de arquivos, coletados em arquivos do Ceará e outros estados, arquivos locais, arquivos familiares, arquivos e imagens gravadas de sua primeira filmagem.

Entre os arquivos coletados para o reportagem, ele possui uma coleção de décadas passadas de jornais que relataram sobre seu primeiro filme. O "Vida e Arte", em 10 de dezembro de 1999, escreveu sobre as dificuldades que Flávio enfrentou durante a produção de "Os Sete Campos". Com poucos recursos, avançados técnicos e precisos

maiores para São Paulo, onde trabalhou como cineasta para tentar angariar fundos para seu projeto. No longo dos anos, reuniu material que acabou se tornando um acervo com sobreviventes dos campos, imagens raras de Getúlio Vargas em Quarentena, além de textos inéditos de uma entrevista de Rachel de Queiroz, feita pela TV Cultura de Goiás.

O cineasta explica que a intenção do projeto é criar uma obra mais completa de informação e respeito do tema. Entre o campo em Quarentena, por exemplo, havia pouca informação disponível. Na época em que Flávio produziu "Os Sete Campos", sempre se dizia e local muito da construção que estava no Engenho de Santa Catarina. Atualmente, ele revisa entrevistas com sobreviventes, historiadores e pesquisadores que possam preencher as lacunas em sua pesquisa.

Nas pesquisas em que não foi possível conseguir imagens de época ou fazer uma reconstrução, Flávio recorreu a imagens para acompanhar a narrativa. A equipe de "Os Sete Campos" é toda composta por cineastas, com ilustradores de Senador Pompeu e Senador da Câmara. Já a trilha sonora foi feita por músicos de Sousa e Pingo de Fortaleza.

Quanto ao tema, o que gera tanto interesse pessoal para o projeto de Flávio é a história de "Os Sete Campos". "Eu já vi tudo o que foi produzido sobre os campos de concentração, principalmente na área nacionalista. Mas pelo lado da história, se precisava de um bom documentário, pesquisado, com imagens inéditas, com o peso da história", defende.

"Hoje, trabalhamos bastante com material, mas tivemos que fazer todo um trabalho de organização, digitalização, recuperação de dados, então todo esse acervo não tivemos que fazer um grande estado para recuperar", detalha Flávio.

Baseado na documentação histórica de "campos de concentração" aqui estudada, nos momentos em que Flávio pesquisou em arquivos da Guerra Mundial, o Ceará teve uma construção erguida sobre o mesmo do primeiro campo nacional.

A distinção importante é que as construções nacionais eram também campos de internação, e no Ceará, embora fossem campos, suas funções decorrentes de doenças, fome e sede.

"Fracamente a mesma, não de fato, mas sim de fato. As pessoas eram trazidas por fome, eram apalçadas e eram internadas em vilas. Então por isso não temo que venha, além dos dois documentos, o que essas pessoas passaram", aponta Flávio.

A expectativa é que "Os Sete Campos" esteja finalizado até setembro. A previsão agora é que, com o lançamento, possa levar o filme para ser exibido em festivais de cinema mundo fora, já está negociando com serviços de streaming que possam comprar os direitos do documentário para seus catálogos, e traduzi-lo para outros idiomas.

Flávio, que dedica 30 anos de sua vida a esse projeto, quando questionado sobre o que terá após ter a conclusão de todos os seus arquivos no cinema, responde: "O projeto não é uma série com desfecho".

OP

O POVO MAIS

Confira no OP série de reportagens sobre os campos de concentração produzida pela jornalista Marcia Tosi

Fica acompanhar

No Instagram, o documentário é divulgado em @os7campos. O perfil de Flávio Alves, diretor do filme, é @flavioalves00

OS CAMPOS

O primeiro campo de concentração foi criado pelo coronel Benjamin Liberato Barreto, interventor federal no Estado, durante a seca de 1915: o Campo de Alagados, no atual bairro São Gerardo. O objetivo era impedir a migração

massiva de retirantes da seca, os "bajadões", de chegarem à capital. A história das secas e dos retirantes foi abordada por grandes romancistas da literatura brasileira, como por Rachel de Queiroz em seu primeiro romance,

"O Quilombo", e Graciliano Ramos em "Vidas Secas". Único preservado, o campo do Pitu foi tombado em Senador Pompeu em 2019. O espaço reúne dois casarões, três casas de palmeira, um cemitério e um barragem.



Documentário

os 7 Campos



Os Sete Campos: a história entre Flávio e os retirantes da seca

Flávio Alves, cinegrafista da cidade de Senador Pompeu, tornou o trabalho de sua vida contar a história dos sete campos de concentração erguidos há um século no Ceará

Início » Jornal

Publicado 00:30 | mai. 27, 2023 Tipo **Notícia** Por **Guilherme Siqueira**



Notícia salva

Comentar

readme

ouça este conteúdo

0:00 1.0x



Flávio Alves quer contar uma história há quase 30 anos. Filho da cidade de Senador Pompeu, ele trabalha para que os detalhes sobre os campos de concentração, capítulo sombrio da história cearense, sejam de forma definitiva fixados na memória coletiva do Estado. O realizador audiovisual assumiu como missão lançar olhar para esse momento doloroso marcado pela seca e pela falta de assistência aos retirantes. Driblando dificuldades orçamentárias, ele se prepara agora para lançar o longa-metragem “Os Sete Campos”.



Veja a matéria



Documentário

os 7 Campos



Foto: Laiane de Paula Silva
Flávio Alves e equipe realizando entrevistas para o documentário Os Sete Campos

Buscando maneiras de narrar esse momento histórico, Flávio gravou, em 1994, uma encenação dramática da história do Campo de Patu, na região de Senador Pompeu. Apesar dos desafios, conseguiu compilar uma demo do filme “Serca Seca”, sua primeira produção, mas não a última vez que criaria conteúdo sobre as construções. Agora, está focado em falar dos setes campos que marcaram o Ceará.

A pesquisa para o documentário nunca se encerrou, mesmo durante o período em que Flávio precisou conseguir empregos temporários para pagar as contas. Reuniu, ao longo dos anos, um acervo de 30 terabytes de arquivos, coletados em museus do Ceará e outros estados, emissoras locais, acervos familiares, animações e imagens aproveitadas de seu primeiro filme.



Veja a matéria



Documentário

os 7 Campos



Foto: Laiane de Paula Silva
Entrevistas para o documentário Os Sete Campos, de Flávio Alves

Entre os arquivos enviados para a reportagem, anexou matérias de décadas passadas de jornais que contavam sobre seu primeiro filme. O *Vida&Arte*, em 20 de dezembro de 1997, escreveu sobre as dificuldades que Flávio enfrentou durante a produção de "Serca Seca". À época, inexperiente e com poucos recursos, acumulou dívidas que o levaram a São Paulo, onde trabalhou como camelô para tentar angariar fundos para seu projeto.

Agora, seu material contém entrevistas inéditas com sobreviventes dos campos, imagens raras de Getúlio Vargas em Quixeramobim, além de trechos inéditos de uma entrevista de Rachel de Queiroz, feita pela TV Cultura de Sobral. Flávio conseguiu reunir fotografias dos campos que, após passar por uma reconstituição, também integram o documentário.

O cineasta explica que a intenção do projeto é criar uma fonte mais completa de informação a respeito do tema. Sobre o campo em Quixeramobim, por exemplo, havia poucas informações disponíveis. Na época em que Flávio produziu "Serca Seca", sequer se sabia o local exato da construção que reuniu os flagelados de forma desumana. Hoje, ele realiza entrevistas com arqueólogos, historiadores e pesquisadores, que permitem preencher as lacunas em sua pesquisa.

Nas passagens em que não foi possível conseguir imagens de época ou fazer uma reencenação, ilustradores criaram imagens para acompanhar a narrativa. A equipe de "Os Sete Campos" é toda composta por cearenses, com ilustradores de Senador Pompeu e animador do Cariri. Já a trilha sonora foi feita por Manassés de Sousa e Pingo de Fortaleza.



Documentário

os 7 Campos



Foto: Serca Seca/ Flávio Alves/ ARTE JORNAL OPOVO
Reconstituição filmada para o filme "Serca Seca"

Questionado sobre o que gerou tanto investimento pessoal para a pesquisa de décadas, Flávio explica: "Eu sou filho de Senador Pompeu, e na minha concepção eu já vi tudo o que foi produzido [sobre os campos de concentração], principalmente na área audiovisual. Mas pelo tamanho da história, se precisava de um bom documentário, pesquisado, com imagem inédita, contado pelos filhos do campo", defende.

"Esse material nós tínhamos guardado, mas tivemos que fazer todo um trabalho de telecinagem, digitalização, recuperação de fotos, então todo esse acervo nós tivemos que fazer um grande estudo para recuperar", detalha Flávio.

Embora a associação imediata de "campo de concentração" seja vinculada aos massacres cometidos pelos alemães na segunda guerra, aqui no Ceará, uma construção foi erguida antes mesmo do primeiro campo nazista.

algo que o poder público desempenhou um esforço considerável para apagar. A distinção importante é que as construções nazistas eram também campos de extermínio, e no Ceará, embora houvesse mortes, essas foram decorrentes de doenças, fome e sede.

"Praticamente a mesma mão de obra foi usada aqui. As pessoas eram trazidas por trens, eram aprisionadas e eram enterradas em valas. Então por isso nós temos que revelar, através dos depoimentos inéditos, o que essas pessoas passaram", explica Flávio.



Documentário

os 7 Campos



Festivais, Escolas e Exibições Públicas

Exibição do Documentário
Os 7 Campos

Festival Multicultural
de Senador Pompeu

3 DE ABRIL 2025 (QUINTA-FEIRA)

🕒 7h30 - MANHÃ
📍 E.E.I.E.F. Valfrido Ferreira Lima - Distrito Codiá
AUDIOVISUAL
Pe - Albino Donatti
De Reginoldo Araújo
Curta-metragem, 26'
EXPOSIÇÃO
Máscaras de Caretas do Codiá

🕒 13h30 - TARDE
📍 E.E.I.E.F. José Antônio de Sousa - Distrito Engenheiro José Lopes
AUDIOVISUAL
Os 7 Campos
De Flávio Alves
Documentário
RODA DE CONVERSA
Mestre Gerdo

🕒 13h30 - TARDE
📍 EEF Moreira Campos - Sede
TEATRO
Monólogo Pata 19.32
Renato de Humaitá

🕒 19h - NOITE
📍 Palco Multicultural - Praça Marcione Borges Pereira (Praça da Estação) - Sede
APRESENTAÇÕES CULTURAIS:
• 19h - Janaina Oliveira
• 19h30 - Lemos Neto
• 20h - Tigrão e Marry
• 20h30 - Assiszinho e Mardonio
• 21h - Samara e Magno
• 21h30 - Elieiton Pancadão
Exposição e feira de artesanato e artes plásticas

*A programação está sujeita a alterações

Realização: Produção: Apoio: Apoio Cultural:

PNAB

@santaterezinhafundacao e veeptelecom

Diga algo...

os 7 Campos
UM DOCUMENTÁRIO
de Flávio Alves
LANÇAMENTO NACIONAL



“Os 7 Campos” revela os horrores dos campos de concentração no Ceará”

EEF MOREIRA CAMPOS
EEM LICEU DE SENADOR POMPEU
MARCIONÍLIO GOMES DE FREITAS

Dia 7 Novembro
Sessão 1: Às 09:30h
Sessão 2: Às 14:30h

Patrocínio:

Este Projeto é apoiado pela
Secretaria de Cultura do Ceará
Lei nº 13.881 de 10 de agosto de 2006

CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DE CULTURA



Documentário

os 7 Campos



Festivais, Escolas e Exibições Públicas

LEI PAULO GUERINO
CUE
ZU
SANTO ANDRÉ
GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA CULTURA
BRASIL

FESTIVAL DE CINEMA
SANTO ANDRÉ

LONGA - METRAGEM

SELECIONADOS

A ESTÉTICA DA LUTA - GUILLERMO PLANEL
A PORTAS FECHADAS - JOÃO PEDRO BIM
A TODO VAPOR! - OS CRIMES DO TARÔ - FELIPE REIS
ALTERNATIVOS - ADRIANO ESPÍNOLA FILHO
ATENA - CACO SOUZA
BOOM SHANKAR - O FILME PERDIDO DO GUARÁ - SERGIO GAG
CAMPO DE SANTANA - PETER LUCAS E WALTER MESQUITA
CAPIVARA - ARTE RUPESTRE NO SUL DO PIAUÍ - DALTON SALA
CARTÓRIO DAS ALMAS - LEO BELLO
CEKNE - RAFAÉ
CINEMA (N)DEPENDENTE - EDUARDO BOONE
CORPOS INVISÍVEIS - QUÉZIA LOPES
DESSA ARTE EU SEI UM POUQUINHO - CLED PEREIRA
ELIS & TOM - SÓ TINHA QUE SER COM VOCÊ - ROBERTO DE OLIVEIRA
FELICIDADE - TARSILA ARAÚJO
MADRE - ANA PAULA PINHEIRO E MARCELA VARANI
MAR DE LAMA - FELIPE BRETAS E MARCELO CALDAS
MAR DE LIXO - TACIANO BRITO
NÃO EXISTE ALMOÇO GRÁTIS - MARCOS NEPOMUCENO
NOVOS MOTORES - MARKO PANAYOTIS
O ARMÁRIO NÃO É O NOSSO LUGAR - ALEXSANDRO STENICO
O DESTINO ESTÁ NA ORIGEM - PEDRO DE CASTRO GUIMARÃES
O SONHO DE CLARICE - FERNANDO GUTIERREZ E GUTO BICALHO
OS 7 CAMPOS - FLÁVIO ALVES
PAULO E ELIANA - CAUÊ ANGELI E NEIDE DUARTE
PATRÍCIA ACIOLI, JUIZA DO POVO - HUMBERTO NASCIMENTO
PITÁGORAS DE SAMOS - ANDERSEN VIANA
RETRATO DE UM CERTO ORIENTE - MARCELO GOMES
RIO - FELIPE BRETAS E PAULA SATTAMINI
SEGREDOS - EMILIANO RUSCHEL
SOLANAS EXPLICADO ÀS CRIANÇAS - ANDRÉ QUEIROZ
SUPREMA - DANILO MORAES
SYSSYPHUS - GEORGE VARANESI NERI
TIMON VERDE RAÍZES DA SUSTENTABILIDADE - DOUGLAS MORAES
UM CERTO CINEMA GAÚCHO DE PORTO ALEGRE - BOCA MEGOTTO
UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE O SOUND SYSTEM - THIAGO NASCIMENTO
UTOPIA TROPICAL - JOÃO AMORIM
VIDAS PERIFÉRICAS - PAULO CAMARGO



Festival Guarnicê de Cinema divulga a relação de filmes selecionados para as mostras paralelas



Mais 116 filmes foram
anunciados hoje (26)

Os 7 Campos – Direção de
Flávio Alves – CE –
Documentário – 84min –
2024 – 14 anos



Documentário

os 7 Campos



Festival Multicultural de Senador pompeu-Ce



Dcoumentário

os 7 Campos



EEM Liceu de Senador Pompeu Marcionílio Gomes de Freitas



Dcoumentário

os 7 Campos



EEEP Prof. José Augusto Torres



Documentário

os 7 Campos



EEFTI Moreira Campos Senador Pompeu-Ce



Sessão com os alunos da
E.E.F Moreira Campos

Senador Pompeu



Alunos da E.E.F Moreira Campos

Senador Pompeu

O filme traz à tona a história dolorosa dos sete campos de concentração que existiram no Ceará, um capítulo sombrio e pouco conhecido, mas essencial para compreendermos as marcas profundas na trajetória do nosso estado.



Dcoumentário

os 7 Campos



Pré-Lançamento do Filme Fundação Santa Terezinha



Documentário

OS 7 Campos



Programa Ponto de Vista
Sertão TV



Documentário

OS 7 Campos



Podcast Sertão em Conexão
Rádio Sertão Central AM



Documentário

OS 7 Campos



Programa do Jonathan
Rádio Sertão Central AM



Documentário

OS 7 Campos



Programa Manhã no Sertão Rádio Sertão Central



Documentário

OS 7 Campos



XI Seminário Sertão Seca Memória e Cidadania

← XI SEMINÁRIO SERTÃO SECA MEMÓRIA E CIDADANIA

19 min ·

FLÁVIO ALVES: É ativista cultural, artista plástico, diretor de teatro e documentarista. Já produziu e dirigiu vários programas para TV's.

Recentemente teve o seu projeto de documentário OS 7 CAMPOS vencedor de edital da Secretaria de Cultura do Estado do ... Ver mais



Senador Pompeu em Memória - Em Fotos, Vídeos e Doc...

Valdecy Alves Alves · 1 de mai. de 2024 ·

Flávio Alves

Assista - Participe - Compartilhe. Será no próximo... Ver mais

AO VIVO AGORA

XI SEMINÁRIO SERTÃO SECA MEMÓRIA E CIDADANIA



Valdecy Alves
Mediador



Cleiviane
Vasconcelos
Cineasta



Flávio Alves
Cineasta



Documentário

OS
7 Campos



XI Seminário Sertão Seca Memória e Cidadania

Nosso Diretor Flávio Alves participou
hoje do XI SEMINÁRIO SERTÃO - SECA -
MEMÓRIA E CIDADANIA
com @valdecy_alves e
@cleivianevasconcelos



para que elas também
possam assistir.



marapaula entrou



freitaschirle entrou



a.estevamr, milenasilnas e outras 48
pessoas entraram



milledeia entrou

XI SEMINÁRIO SERTÃO - SECA - MEMÓRIA E CIDADANIA



valdeicio.alves, rubianaportela,
pessoas entraram

gerdalucia
Bom dia

Compartilhe este vídeo ao
vivo com outras pessoas
para que elas também
possam assistir.

rafaelpotenza78 entrou



ranucebarreto entrou

a.estevamr, milenasilnas e outras 48
pessoas entraram

Compartilhe este vídeo ao
vivo com outras pessoas
para que elas também
possam assistir.

Compartilhar vídeo



Mediado por @valdecy_alves

Com participação dos Diretores e
Cineastas @cleivianevasconcelos e

@flavioalvesceo

a.estevamr, milenasilnas e outras 48
pessoas entraram

a.estevamr, milenasilnas e outras 48
pessoas entraram

cidaathena
Bom dia! Eu meu Bom dia! Estou em Sorocaba, SP

cironiafarias entrou

a.estevamr, milenasilnas e outras 48



OS CONCENTRADOS

Série Documental

(2025)



Os Concentrados” é uma série documental que revela, em profundidade, a história das secas e dos campos de concentração no Ceará. Uma narrativa inédita que percorre mais de meio século (1877 a 1932), abordando as políticas de exclusão social, a política de açudagem e o drama humano de milhares de retirantes forçados ao confinamento.

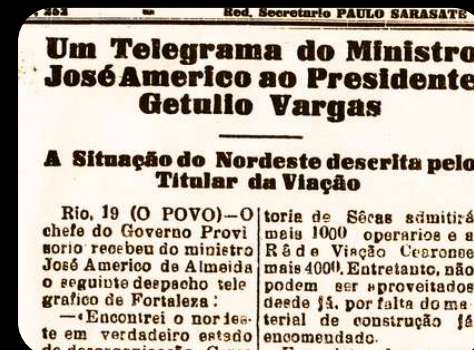
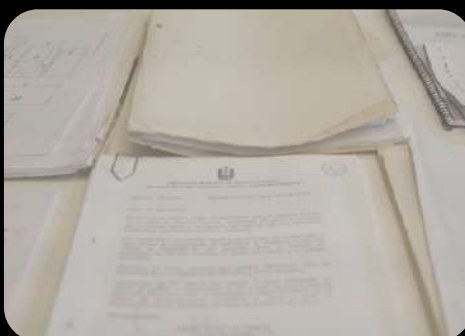
A série vai além de um recorte histórico: é um mergulho nas políticas públicas, na resistência popular e na luta por memória, justiça e reconhecimento.



OS CONCENTRADOS

Série Documental

(2025)



Uma Produção com Base em Anos de Pesquisa e Acervo Histórico

A série é resultado de mais de 30 anos de pesquisa e documentação acumulada pelo diretor Flávio Alves. Um acervo único, construído ao longo de décadas, com materiais que incluem documentos raros, imagens de época, reportagens, entrevistas de arquivo e registros de campo.

Essa bagagem permitiu construir um olhar amplo, que abrange desde a grande seca de 1877-79, passando pelos campos de concentração de 1915, até os dramáticos campos de 1932.

A vastidão e complexidade desse tema exigiram o formato de série, capaz de dar conta da dimensão histórica e social dessa história silenciada.



OS CONCENTRADOS

Série Documental

(2025)



Historiadores, Professores e Pesquisadores Dão Voz à História

“Os Concentrados” conta com a participação de especialistas, historiadores, professores e pesquisadores que são referência nos estudos sobre as secas, as políticas de açudagem e os campos de concentração.

As entrevistas aprofundam a narrativa, trazendo análises críticas, contextualizações históricas e um olhar acadêmico que fortalece a base documental da série.

São vozes que ajudam a ligar o passado ao presente, ampliando o alcance educativo e social da produção.



OS CONCENTRADOS

Série Documental

(2025)



Durante as gravações de Os Concentrados, nossa equipe esteve em Senador Pompeu, dialogando com moradores e mapeando histórias vivas do território. As conversas com a comunidade foram essenciais para identificar pessoas que pudessem participar como figurantes, representando de forma sensível e verdadeira os acontecimentos históricos do Campo de Concentração do Patu. Mais do que cenas, construímos encontros de memória e pertencimento.



OS CONCENTRADOS

Série Documental

(2025)



Durante as gravações de Os Concentrados, nossa equipe esteve em Senador Pompeu, dialogando com moradores e mapeando histórias vivas do território. As conversas com a comunidade foram essenciais para identificar pessoas que pudessem participar como figurantes, representando de forma sensível e verdadeira os acontecimentos históricos do Campo de Concentração do Patu. Mais do que cenas, construímos encontros de memória e pertencimento.



Curta-Documental

Água Boa



Em 2019, Flávio Alves dirigiu o curta-documentário “Água Boa”, filmado na comunidade rural de Cacimbinha (Pentecoste-CE). O filme retrata o desafio do acesso à água potável e acompanha as ações de purificação das cisternas locais, com depoimentos de moradores e agentes de saúde. Um registro sensível sobre direito à água, saúde pública e transformação social no interior cearense.



Curta-Documental Sertão Conectado



Curta-metragem documental que revela o cotidiano de comunidades do sertão cearense, mostrando como vivem, trabalham e se conectam com o mundo ao seu redor. A obra retrata com sensibilidade a rotina de homens, mulheres e jovens sertanejos, destacando suas tradições, desafios e formas de resistência. Um olhar humano e real sobre o sertão e suas múltiplas conexões.





Saiu na Mídia

A Seca Nordestina Ganha Voz Nacional

A trajetória de Flávio Alves, o cineasta que deu rosto e voz à história da seca nordestina, ganhou destaque em jornais e programas de televisão de alcance nacional. Durante sua passagem por São Paulo, Flávio ampliou seu repertório como diretor de televisão, acumulando experiência na Record News, onde aprofundou sua compreensão sobre linguagem audiovisual e comunicação em larga escala.

O camelô que virou cineasta

Flávio Alves vende tênis e camisetas para pagar atores com cesta básica e terminar seu documentário

Fábio Bittencourt

Os corpos queimados pelo sol do sertão jaziam dentro de uma cova rasa, quando foram cercados por cães atraídos pelo cheiro de sangue fresco. Os animais assustaram todos em volta, que saíram em disparada. Não se trata de uma cena de alguma comédia hollywoodiana do ator Charlie Sheen. É sim de um filme do cearense Flávio Alves da Silva, 24 anos. *Sertão Seco* é um documentário com 40 minutos de duração gravado originalmente em VHS. É a primeira empreitada do ex-office-boy, hoje vendedor ambulante, que corta o drama de famílias levadas a campos de concentração no Nordeste brasileiro durante a seca de 1932. O erro de grafia no nome é uma homenagem ao escritor nordestino a palmeira de Flávio.

Fortaleza, no Ceará. Local, aliás, onde nasceu e foi criado. Em troca da atenção, ele fornece cestas básicas com arroz, feijão, farinha e açúcar. Está há dois anos tentando acabar o seu trabalho e levou seis meses só para mobilizar a população. "Quem morria no filme, ficava sem cesta básica", conta Flávio. "E ninguém queria morrer."

Flávio é roteirista, produtor e diretor. A pesquisa também é sua e teve como alicerce histórias que ouvia de seus familiares e amigos mais velhos. "Eu achava que era lenda", diz. "Mas descobri que era tudo verdade." Com caneta esferográfica e papel à mão, saiu a câmera. Alves da Silva, com os 25 reais que ganhou da venda de cestas básicas, comprou uma câmera de 16 mm. Para o filme, ele precisava de 18 mil reais. "Foi um desafio", diz. "Mas eu consegui levantar o dinheiro." O resultado foi que ele acumulou um saldo negativo de R\$ 1,7 mil só em *Sertão Seco*. Foi então que resolveu arrumar um emprego temporário: ganhar dinheiro, pagar as dívidas e terminar seu filme. Seguiu para

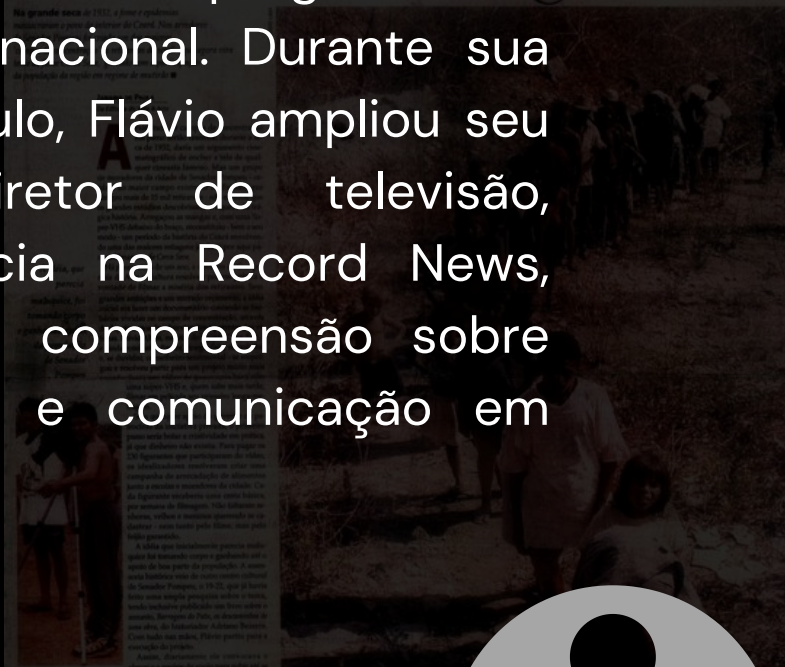
as pensões mortuárias de fome", diz. Mas Flávio virou devedor de primeira linha na cidade e na vizinhança. Isso porque, além das cestas básicas, os atores improvisavam muitas vezes necessitavam de remédios, alimentos e água durante as filmagens. O resultado foi que ele acumulou um saldo negativo de R\$ 1,7 mil só em *Sertão Seco*. Foi então que resolveu arrumar um emprego temporário: ganhar dinheiro, pagar as dívidas e terminar seu filme. Seguiu para

SERCA SECA

24/11/2020 10:00:00

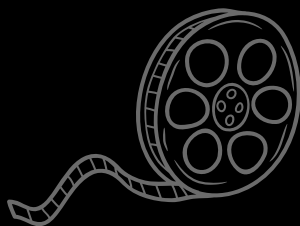
Cenário & arte

Cenário da tragédia



Repercussão na Mídia Nacional





Mídia Impressa

O garoto Haley Joel Osment e Bruce Willis estão no assustador O Sexto Sentido, hoje nos cinemas. **PÁGINA 2**

DIÁRIO POPULAR

REVISTA

SEXTA-FEIRA

O CD duplo Chico Ao Vivo traz 29 canções apresentadas durante o show As Cidades. **PÁGINA 3**

Camelô de imagens



O ambulante Flávio Alves se prepara para finalizar seu primeiro filme, Serca Seca



So camelô Flávio Alves começou a afirmar que é cineasta para tentar convencer alguém a comprar as camisetas que vende em sua barracagem na rua 24 de Maio, Centro de São Paulo, dificilmente conseguia convencer a freguesia. Mas, aos 34 anos ele está prestes a finalizar seu primeiro filme, Serca Seca. Natural de Salvador Pontes, na região de Ceará, Flávio sempre teve vontade de contar ao Brasil uma história que poucos conhecem: a morte de quase mil pessoas, em 1932, num campo de concentração criada pelo governo federal, o Serca Seca, como era chamada pelos sertanejos.

O sonho de levar a produção às telas dos cinemas ainda está um pouco distante, mas, depois de dois anos, o cineasta começa a acreditar que, de alguma maneira, sua obra finalmente chegará ao público. As filmagens, que começaram em julho de 97, já estão prontos. Agora, falta o camelô conseguir os recursos para passar as imagens que estão em beta para 35 mm, o formato utilizado nos cinemas. "Tomei os R\$ 600 que ganho por mês vendendo as camisetas não vai ser fácil conseguir alguma coisa. Mas eu não vou desistir", afirma.

Há uma semana, Flávio procurou ajuda no Centro de Comunicação e Artes do Senac, onde já havia estudado teatro há alguns anos. Conseguiu permissão para usar os equipamentos do laboratório e ganhou o apoio do professor Beto Matuck. Juntos, eles vão encerrar um novo desafio. "A partir deste sábado, estaremos resultando as fitas e colocando a tábua sobre. Mas a ideia inicial é formatar tudo para uma linguagem de TV. Primeiro, vamos tentar vender o material como documentário", depois, com mais dinheiro tentaremos as telas", explica o produtor.

O apoio de Flávio resultante. "Depois de ter sido obrigado a vender minha câmera para pagar parte das dívidas contradas, comecei a colher os frutos da minha empreitada", declara. Na próxima sexta-feira, ele terá o destaque no Cinema Recort, exibido às 21h45. Um dos blocos do programa, que vai tratar dos campos de concentração existentes no sertão nordestino no início do século, será destinado ao filme do camelô.

Choradeira e aplausos



LUCIELLY agradece ao público, que lotou o Teatro da USP

IDEIA FENOMÊNICA
A cantora chegou a se apresentar na peça juvenil Gropo, quarta-feira, no Instituto USP. Entre os convidados, um em especial estava presente: o ator argentino de Zé Di Camargo, foi prestigiado a uma mais nova, Lucielly, de 22 anos, que passava no palco pela primeira vez. "Ele disse que o trabalho de abençoar o meu destino me fez feliz, porque tenho de sobra. Rígo de rir e suspeito, mas lá uma força danada para continuar na batalha", afirmou a atriz-estrela, que interpreta a modernista, mas ingenua, Lúcia. Após o sucesso, o elenco, Lucielly e amigos festejaram a estreia na boate Symbol.

O espetáculo conta com cartas assinadas e promete conquistar o público jovem com um texto ágil que conta as aventuras de um rapaz de 20 anos em conflito com a sociedade. "Não tem tipo de motel. Passamos por vários momentos de uma maneira leve e o humor, por isso o público não se identifica com o que está acontecendo", comenta a diretora Débora Dubois, de 23 anos.

A trama começa quando Grego, interpretado por Jairo Rocha,

tamareiro de Lucielly, percebe que sua vida está do jeito que gostaria. Curioso o primeiro ano de Educação Física e dando aulas na academia de sua namorada Bia (Jéssica Franco), ele, na verdade, queria ser músico. A ideia, porém, encontra sua vida se transforma quando é flagrado por Bia com outra garota. A namorada ataca com um capote de cinto que o acerta na cabeça. A partir daí o rapaz passa a viver ao lado de um personagem imaginário, o Gropo (feito por Marcos Damigro). "É o que chamamos de vida da consciência", completa o autor Toni Brando.

Os aplausos no final do espetáculo foram pagados as boates de moda de Lucielly. "Estava muito feliz porque eu sempre tive de provar que não sou apenas uma atriz da dupla sertaneja. Sentir que eu fui bem aceita e que o público gostou de meu trabalho me deixa mais tranquila", explica a atriz, que também arranjou as mangas para trabalhar na produção dos figurinos da peça.

Arrastão cultural

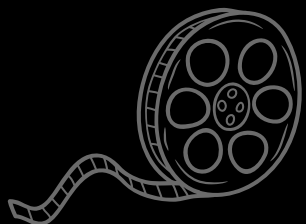
As 280 pessoas que participaram, como figurantes, das filmagens de Serca Seca não tinham qualquer experiência como atores. A maioria, aliás, nem sequer havia assistido a algum filme. "Era uma gente muito simples. Por isso, precisei adaptar alguns termos técnicos para todo mundo poder entender", explica o cineasta Flávio Alves.

Os que alguns profissionais chamam de close, por exemplo, ficou conhecido pelos sertanejos como plano "luz cheia". A panorâmica, técnica que define a

movimentação da câmera sobre um trilho, era o plano "largatiza". O chamado plano médio, que capta imagens das pessoas da cintura para cima, ficou sendo o plano "meia lua".

As atirantadas de Flávio não pararam por aí. Sem dinheiro para comprar as cenas básicas com as quais pagava os figurantes, ele precisou fazer rifa, vender alguns biscoitos e até bater de porta em porta para conseguir auxílio. "Fizemos um arrastão cultural para que todos desse o seu", define o cineasta.

SERVIÇO
Gropo - É uma aventura no tempo e espaço. Um filme de Toni Brando, com Lucielly e Jairo Rocha. 21h45, Cinema Recort, Instituto USP.



Mídia Impressa



ESTREIA
Estreia hoje no portal do TJ A peça *Parafuso*, texto de Pablo Assumpção e direção de Pedro Domingues. O espetáculo é o terceiro do projeto *Sete Cenas do Dragão 4B*

ALBERTO DINES

Arte é o que toca o destinatário e o transforma em artista. O cineasta discute o papel da obra de arte a partir deste conceito pragmático BB

vida & arte

20 de dezembro de 1997

Cenas da tragédia

Na grande seca de 1932, a fome e epidemias massacraram o povo do interior do Ceará. Nos arredores de Senador Pompeu foi criado um dos maiores "campos de concentração" de retirantes do sertão, que agora virou tema do filme *Cerca Seca*, gravado com a participação da população da região em regime de mutirão ■

JANAINA DE PAULA
Da Editora do Mito & Arte

A existência de campos de concentração em pleno sertão cearense, durante a seca de 1932, dá um argumento cinematográfico de encher a tela de qualquer cineasta famoso. Mas um grupo de moradores da cidade de Senador Pompeu - o núcleo do maior campo existente no Estado, que abrigou mais de 15 mil retirantes - não imporia que os grandes estúdios descrebessem a riqueza da tragédia histórica. Arregaçou as mangas e, com uma Super-VHS debaixo do braço, reconstruiu - bem a seu modo - um período da história do Ceará envolvendo, de uma das maiores estagnações já vistas por aqui para as filmagens de *Cerca Seca*.

Há pouco mais de um ano, a diretoria da Companhia de Arte e Cultura resolveu por em prática a vontade de filmar a miséria dos retirantes. Sem grandes ambições e um orçamento megalômano, a ideia inicial era fazer um documentário contando as histórias vividas no campo de concentração, através de depoimentos de sobreviventes e parentes das vítimas. Flávio Alves, mentor do projeto *Cerca Seca*, e ainda roteirista, diretor, cinegrafista, maquiador e, se duvidar, conselheiro sentimental - se empolgou e resolveu partir para um projeto muito mais ambicioso: fazer uma releitura da época sertão-baixa com uma super-VHS e, quem sabe mais tarde, filmar em película seu primeiro longa-metragem.

Sem qualquer apoio do governo ou patrocínio da iniciativa privada, o primeiro passo seria botar a criatividade em prática, já que dinheiro não existia. Para pagar os 230 figurantes que participaram do vídeo, os idealizadores resolveram criar uma campanha de arrecadação de alimentos junto a escolas e moradores da cidade. Cada figurante receberia uma cesta básica, por semana de filmagem. Não faltaram sebores, velhos e meninos querendo se cadastrar - nem tanto pelo filme, mas pelo lanche garantido.

A ideia que inicialmente parecia maluca foi tomando corpo e ganhando até o apoio de boa parte da população. A assessoria histórica veio de outro centro cultural de Senador Pompeu, o 19-22, que já havia feito uma ampla pesquisa sobre o tema, tendo inclusive publicado um livro sobre o assunto, *Resgate do Povo, os descendentes de uma obra*, do historiador Adriano Bezerra. Com tudo nas mãos, Flávio partiu para a execução do projeto.

Assim, dialeticamente ele convocava o elenco e a equipe de apoio para subir até as proximidades da barragem do Pati, o núcleo do filme e da tragédia, a cerca de 3 km da sede do município. Não tinha tempo ruim, antes das 8 horas da manhã o diretor queria todo mundo morido para passar as primeiras orientações. Quanto mais cedo melhor para aproveitar até o último raio de sol.

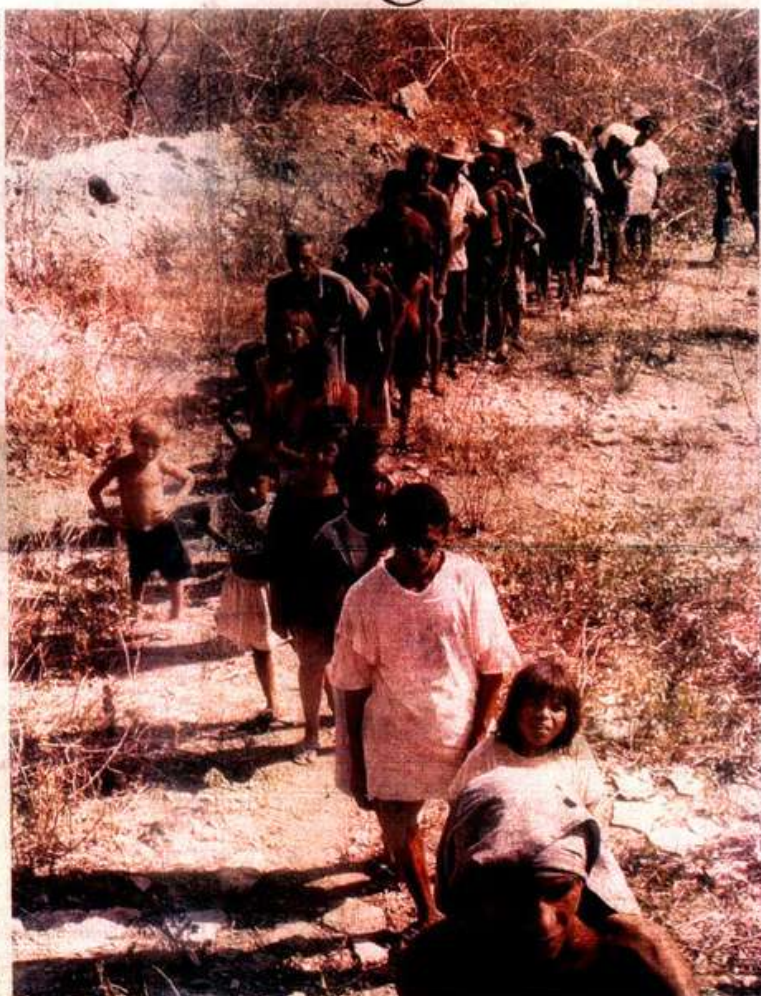
O equipamento não possuía da cinema, um tripé, um rebatedor de luz improvisado, os trilhos do trem reconvertidos com suportes de cortina e uma fita para a lente da câmera - presente de um repórter da Globo que esteve em Senador Pompeu ano passado para cobrir a dita história do campo de concentração, que foi ao ar no *Exatidão*.

Passo-a-passo, Flávio explica o roteiro e as cenas que serão feitas no dia: "pessoal é o seguinte, o filme se passa na seca de 32. Os retirantes se dirigiram à Serra do Pati esperando encontrar comida feita - promessa do governo - mas ao chegar se depararam com mais miséria, epidemias, fome e são impedidos de sair. Só a chuva, quando chega no final, põe fim ao sofrimento. Então eu quero todo mundo com cara de fome e gemendo ali", orienta. E comemora as primeiras tomadas: retirantes agonizantes nas estradas, violência do corpo da guarda e muita fome.

A ideia, que parecia maluca, foi tomando corpo e ganhando apoio da população de Senador Pompeu



Flávio Alves, mentor do projeto, e ainda roteirista, diretor, cinegrafista e maquiador



■ População de Senador Pompeu vive os retirantes da seca de 1932 nas filmagens de *Cerca Seca*

Miséria e indiferença

A cada cena de *Cerca Seca*, a impressão que se tem é estar diante de um filme "trash" ou algo parecido. Slogans espalhados por todos os lados, se- rões chorando escandalosamente a morte do filho, casais famintos mordendo a carne fresca dos mortos, retirantes banhados de sangue fresco de boi. Um berro. Ao fundo gemidos e gritos desesperados. Em meio a tanta tragédia, alguém aparece mordendo um pulpeiro: "não é melhor colocar na televisão na frente?"

A criança chora, os velhos resmungam. Outros caem na gargalhada, indiferentes aquela miséria que

não é tão diferente da sua. De repente, grita um de lá: "fulana geme mais alto senão a negrada não acredita que tu tá com fome". E ela responde: "E tá mesmo. Esse negócio não tem mais jeito". Um rápido intervalo para o almoço e voltar o calor. Uma hora depois retomam as filmagens que vão até o anoitecer.

O assistente diretor refaz idéias, vê as mesmas cenas no intuito de dar um acabamento mais profissional ao trabalho. São esquadramentos fechados, abertos, de cima para baixo, de baixo para cima. E só as crianças parecem não se incomodar com

tanta calor e sede. Alguns ficam até um cochilo no chão pedregoso pagando logo. Aproveitam os momentos em que, obrigados a se fingir de mortos, podem dormir sem dar nenhuma graça dos desesperados.

Não existem grandes personagens na história. Na verdade, cada retirante só passa de um momento que espera ansiosamente o trem que chega da capital trazendo a única alimentação do dia: cada família recebe um punhado de feijão, sangue coagulado do boi e farinha, enviados pelo governo para manter os 15 mil retirantes semi-vivos. Não existem diálo-

gos. Só gemidos e choros.

No rio da tragédia surge um personagem que chama a atenção. Aca-

cy dramática da boca, que chora in-

mortos, vela, se revolta contra os

guardas e divide o pouco que tem, dá

vida ao filme. Maria de Lourdes Fil-

gueira da Silva, conhecida como Di-

lú, que participou sem grandes espe-

ranças e levando na mala a espe-

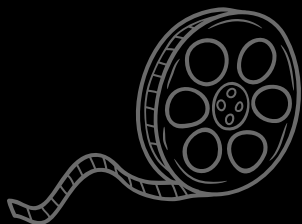
rança de uma verdadeira atriz.

"Nunca pensei que me viraria tão bem

dentro de uma câmera", empolga-se

com o repertório natural.

Leila mais na SB



Mídia Impressa

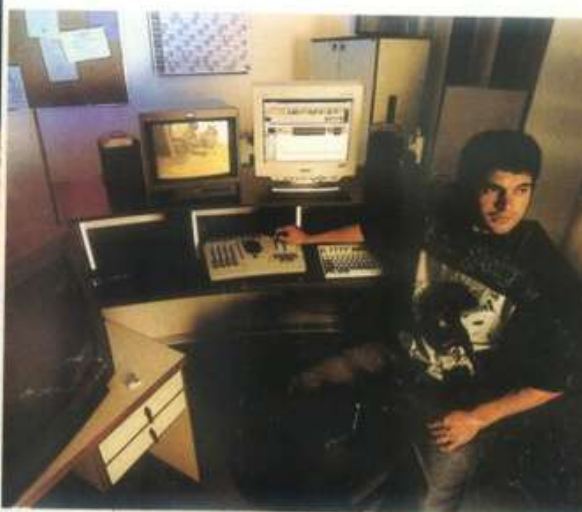


São Paulo e virou ambulante. "Há um ano e meio vendo coisas para arrecadar dinheiro", diz. "Já consegui saldar quase metade da dívida." Mas suas contas não param aí. Há outros R\$ 2 mil referentes à trilha sonora. "Todo mês ele me liga e pede mais tempo. Estou confiando", diz o compositor Manassés de Sousa, 45 anos, dono de um estúdio em Fortaleza, que criou a trilha sonora do filme.

Com apenas o primeiro grau completo, Flávio cursou uma escola de

edição há quatro anos, em São Paulo, quando morou com o irmão Valdeci Alves da Silva e pagou os estudos com trabalhos esporádicos. Hoje, ele mora a alguns minutos do local onde trabalha, na rua 24 de Maio, centro velho de São Paulo, com a mulher, Raluze Barreto, 20, e os filhos Lorena, 1, e o recém-nascido Méliés.

Com o projeto do filme em mãos, bateu de porta em porta para arrebanhar patrocinadores. Conseguiu ajuda técnica do Serviço Nacional de



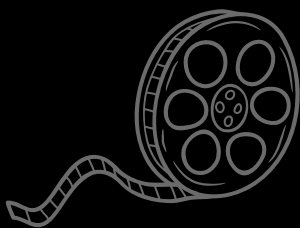
Na rua 24 de Maio, onde trabalha: "As pessoas dão risada da minha cara quando falo que fiz um filme". No estúdio do Senac (acima): "Só volto para casa com o filme na mão"

Aprendizagem Comercial (Senac), órgão ligado à Associação Comercial de São Paulo, para editar as cenas e finalizar o filme. Beto Matuck, professor do Senac de São Paulo, conheceu Flávio há dois meses e se impressionou com o material. "A produção é de ótima qualidade", atesta Matuck. A última fase agora é transformar a imagem VHS em película para cinema. Para isso, suas dívidas precisam aumentar. O processo de transformação em película, por exemplo, custa US\$ 17 mil. "No começo, eu ignorava essa história. Torço para que esse esforço seja recompensando", diz o ambulante e colega Carlos Alberto Ferreira de Oliveira. "Ele é esforçado demais", conclui. "Só volto para casa no dia em que estiver com o filme na mão e com todas as minhas dívidas pagas. É uma questão de honra", diz Flávio.



A vida como ela é

Serca Seca terá 40 minutos de duração e contará a história de retirantes à procura de comida durante a seca de 1932. O documentário foi feito em VHS. A história é dramatizada e tem depoimentos de quem esteve no campo de concentração de Senador Pompeu, no sertão do Ceará



Mídia Impressa

DIÁRIO DO NORDESTE

caderno 3

Fortaleza, Ceará - Segunda-feira, 16 de fevereiro de 1998

Filmando na terra de "Deus e do Diabo"

Pela primeira vez na história do cinema, os atores são pagos com arroz, feijão, milho e pão

Na aldeia dos Santos mora próximo aos casarões de Barragem do Patu, pelo menos, cabelo preto e olhos "geminantes" verdes, coisas raras na região. Seu fustão parece anunciar o interesse de raças, talvez mais um sinal da mistura dos índios por essas terras. Herança passa de geração a geração. Ela é conhecida pela vizinhança como a mulher dos cachorros, mas de 15 vira-latas. Por onde ela pisa, os cães lhe fazem guarda. Os olhos verdes da cabecleide, herança do tempo passado, e seus cabelos agora presos no presente para falar do passado. Ela é os antigos trabalhadores cujo trabalho na gravação do filme "Cerca Seca", que pretende relatar através de imagens os clamores, dores e sofrimentos que fez a história de todo o "negro" de 1932.

"Cerca Seca" é uma produção da Companhia de Arte e Cultura, Matada de Nô, que reúne um grupo de jovens de Senador Pompeu inquietos e desafiados para fazer história. A frente desse trabalho está o jovem Flávio Alves, 23, que de início se viu com um obstáculo que parecia insuperável: sua situação econômica não lhe permitia trabalhar no campo de concentração. Pensou em bater na porta dos órgãos estaduais, mas tem a realidade da humilhação; bater na sede do poder municipal, mas não foi levado a sério.

Ele decidiu, então, a apoiar da Equipe 19-22. Flávio Alves fez uma campanha para a arrecadação de alimentos não perecíveis. Visitou as escolas, o comércio e chegou a bater na porta de casa do coronel de Senador Pompeu que pudesse contribuir com a causa. A campanha foi uma vitória, em menos de um mês conseguiu reunir 250 toneladas de alimentos. A moeda para rodar o filme estava garantida. Pela primeira vez na história do cinema os atores seriam pagos com arroz, feijão, milho e pão. Sem reclamar e esperando que o filme demorasse o tempo necessário o inverno chegou, 250 figurantes foram convocados para participar das filmagens do "Cerca Seca". Além da participação de 22 cachorros.

Flávio Alves, que também atua como empilhador, fotógrafo e produtor, grava imagens com o "Cerca Seca"

movem montanhas, mas conta-se um exército de homens lutando pela sobrevivência.

Um outro problema enfrentado pelo diretor é que ninguém queria sorrir, cinematograficamente falando. As pessoas que "morriam" iam perdendo consequentemente a vida física, por que eram obrigadas a deixarem o filme. Era uma escolha difícil, a gente buscava uma combinação entre as pessoas mais pobres e as que conseguiram representar melhor.

Mas isso foi só o primeiro desafio. Os integrantes da companhia de Arte e Cultura Matada de Nô não tinham nada sobre técnica de roteiro, fotografia, maquiagem, cenário, figurino ou coisas semelhantes. A experiência do diretor Flávio Alves se resumia a alguns cursos de edição e filmagem no Senac, em São Paulo. Como se isso não bastasse, para captar as imagens a equipe só contava com os recursos mínimos de uma Super-VHS e um grupo de atores que podiam conhecer de perto as matas da fome, mas sequer conheciam uma câmera. E um salário bancário de 3 mil reais para começar as gravações. Mas, nada a fazer. Com a mesma determinação que arrecadou seus recursos contínuos aplicando para a gravação do filme.

Foram quatro meses de trabalho, no dia primeiro foram com a parte da pesquisa com o apoio da Equipe 19-22 - que fez uma compilação dos relatos das pessoas que viveram a tragédia, e um mês com a campanha de arrecadação dos alimentos. Os três meses restantes foram usados de modo quase ininterrupto, para a gravação das imagens. O grupo trabalhava das 8 às 20 horas.

Toda a equipe se arrumou como pôde nas casinhas construídas pelos ingleses em 1932 na margem de Barragem do Patu. O mesmo ambiente onde havia acontecido a tragédia, agora servia de cenário para a encenação da história. Fiação e realidade habitaram o mesmo solo sagrado. (Marcos de Deus e o diabo na terra do mal?) Os novos flagelados encenavam a fome dos seus descendentes, sem ter superado-a.

Hoje, o diretor conta com mais de 30 horas de filmagens gravadas. Material suficiente para provar que com uma câmera na mão, uma história no papel e muita força de vontade dá para se fazer um filme. A filha do genial Gláuber Rocha, uma jovem cineasta, agora é retribuída pelas mãos experientes e experimentais de um grupo de garotos, que não sabem nem um pouco de produção com a estética cinematográfica. Eles querem mesmo é contar a história dos mil mortos no campo de concentração, apenas com uma câmera no mão e uma ideia na cabeça.

Emmanuel Nogueira
Da Editora do Caderno 3

Cerca Seca

Família troca roça pelo cinema

A história do filme "Cerca Seca" tem início com um homem fazendo uma daquelas experiências regionais para saber se vai ter inverno. Seu experimento revela o que o céu sem nuvens lhe diz claramente: é mais um ano de seca. Ele, a mulher e três filhos partem para lugar nenhum. Só não querem ficar em casa esperando a morte chegar. No meio do caminho, a inanição rouba a alma da sua mulher e das duas filhas. Sem suportar a dor, o homem se suicida, deixando completamente órfão o filho, 11 anos, conhecido por Francisco. Sozinho, o garoto segue o passo dos retirantes rumo ao Campo de Concentração.

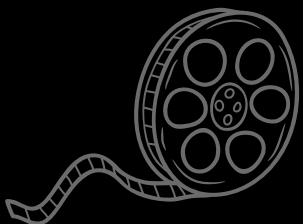
Começa aqui a visão particular e subjetiva do campo de concentração na perspectiva e trajetória do garoto Francisco. Mas começa também uma outra história. A história de uma família que trocou a vida de sol a sol, o cabo da enxada, pelo trabalho da arte de representar. Deixaram de ser agricultores para cultivar no campo das ilusões iluminadas, o cinema. Entre maquiagem e pose para a câmera eles se fantasiaram de atores

Família Lima: fascinada pelo cinema

para viver uns nacos de felicidade.

Com muito gosto e empenho, a família Lima aceitou o desafio de protagonizar a história. Para Francisco Josenilo, o protagonista da história tudo foi motivo de alegria e brincadeira. "Foi muito bom. A gente nem ia em casa, fazia a comida e dormia aqui mesmo", Pedro Neto, pai de Francisco, também não reclama de nada. Ele garante que faria tudo novamente se precisasse, desde que tivesse uma feirinha para ajudar no sustento da família. "Homem, láio aqui é muito fácil a gente não faz esforço de nada". Já sua esposa, Maria do Carmo, que dormiu em algumas gravações enquanto se fingia de morta, revela que não gostou muito do choro de sua filha mais nova, mas não temia a morte. "Sabia que tudo era de brincadeira, não era de verdade".

A família Lima só lamenta que tudo demorou tão pouco, por que agora a fome volta a bater a porta sem que ninguém se atreva a lhe dar morada.



Mídia Impressa

CADERNO 2

D22 - O ESTADO DE SÃO PAULO

SÁBADO, 10 DE JULHO DE 1990

CINEMA

Episódio que deixou mais de mil mortos é tema de 'Serra Seca', de Flávio Alves

JULIO GAMA

Luiza Pereira Lobo, 73 anos, censuro do sertão central, rosto riscado pelo tempo qual solo esturricado, costas curvadas pelo cansaço, memória falha, mal consegue lembrar onde guardou a caixa de costura 20 minutos atrás, mas não esquece o dia, o mês, a hora, a roupa que usava e a fome que sentia quando entrou no inferno, às 7 horas do dia 10 de maio de 1932.

Há 67 anos, então com 6, a pequena Luiza, o pai, a mãe, a avó e mais oito irmãos, chegaram à Comissão, nome técnico de um verdadeiro campo de concentração montado pelo governo cearense para isolar os milhares de miseráveis, vítimas de uma das maiores secas do século no Estado.

Luiza perdeu o pai, a mãe e os oito irmãos. Morreram de fome, de sede, de exaustão, de disenteria, de cólera. Das 16 mil pessoas que entraram no campo, pelo menos mil morreram. O relato emocionante de Luiza, assim como o de outros 22 sobreviventes, são o ponto de partida do documentário-ficção 'Serra Seca' (assim mesmo, conta), de 70 minutos, que está sendo finalizado pelo cearense Flávio Alves, de 24 anos.

Não há no filme de Alves nenhuma proposta de inovação estética. "Minha pretensão é contar essa história e ajudar as pessoas daquele lugar", explica o diretor. O lugar é Senador Pompeu, distante 270 quilômetros de Fortaleza, no chamado sertão central do Ceará. A formação de Alves resume-se aos cursos de edição, fotografia e iluminação oferecidos gratuitamente pelo Senac, em São Paulo. Além de dirigir o filme, ele é também produtor, roteirista, iluminador e manipulador. A palavra cerca é gradada com o título porque, segundo Alves, era assim que as crianças da fiação escreviam durante as filmagens.

Pagamento em comida - Serra Seca começou a ser rodado em julho de 1997 e foi interrompido inúmeras vezes sempre pelo mesmo motivo: falta de dinheiro. Para arremataram cerca de 300 figurantes, o diretor imaginou que poderia pagá-los com comida. Lançou uma campanha de arrecadação do alimentos numa das principais rádios da região. Em menos de um mês, reuniu 4,8 toneladas de alimentos não perecíveis. Até onde se tem notícia, pela primeira vez no cinema os figurantes foram pagos com arroz, feijão, milho e pão. "O problema depois foi que ninguém queria morrer no filme para não parar de receber a comida", conta o diretor.

O filme agora está "por pouco", conta Alves. "Falta apenas editar alguns trechos e sonorizar". A trilha é um de seus orgulhos. Foi feita por Manassés de Souza. Custou R\$8 mil, custados pela Secretaria de Estado da Cultura do Ceará. O filme já consumiu R\$14 mil. Ele tem 30 horas gravadas em super-VHS.

Camelô - Sem dinheiro para concluir o filme (faltam R\$4 mil), Alves voltou há poucos meses para São Paulo, onde viveu por oito anos - entre 89 e 93 em Sorocaba e de 93 a 96 na capital. Mora com a mulher e a filha de 1 ano numa quitinete no centro da cidade. Sem emprego fixo, virou camelô e perambulou pelo centro da cidade vendendo dezenas de camisetas

Filme narra tragédia do campo de concentração no Ceará em 32



Crianças e adultos morrem de fome e sede. Imagens chocantes provocadas pelo campo de concentração em Senador Pompeu



Figurantes dão duro sob o calor de 42 graus: salários foram pagos com cestas básicas



Flávio Alves: camelô no centro

minação "campo de concentração" sete anos mais tarde, com o nazismo na Alemanha.

Essa história sombria começa alguns anos antes, em 1919. Decidido a dar um basta nas secas que desde sempre castigavam o Ceará, o governo da época resolveu construir uma barragem a partir das águas dos Rios Fati e Banabuiu. As obras tiveram início no mesmo ano e foram tocadas pela empresa inglesa Wight P. Robson, que tivera carta branca para instalar seus engenheiros na região. "Eram engenheiros ingleses e pobres nordestinos", relata o cineasta.

A empresa inglesa construiu confortáveis casarões para os seus funcionários. As construções em estilo gótico com alpendres destoavam da paisagem miserável e árida da caatinga. Distante um quilômetro

das mansões foi construída a vila operária: cerca de 200 casas feitas de taipa, com pilares de bambu revestidos de barro seco. Quatro anos mais tarde, por falta de dinheiro, foi decretada a paralisação definitiva das obras. Os operários e suas famílias de estabeleceram definitivamente no local e passaram a sobreviver de plantio de milho e feijão.

O arquiteto e urbanista Irani Fogaça escreveu sua tese de graduação no ano passado sobre a reforma dos casarões construídos pelos ingleses em Senador Pompeu. Ele passou dez dias na região. "Construíram uma pequena cidade com

12 casarões, mais a vila operária e hospital, escola e armazém", conta. "E hoje está tudo abandonado".

A estiagem de 32, no entanto, seria mais violenta do que a que estavam acostumados a se safar. Como a chuva não vinha, o gado morria e a comida chegava ao fim.

milhares de pessoas começaram a morrer de fome e sede. A situação se agravou quando os ingleses começaram a vender a comida em pequenas quantidades e a preços altos.

sem comida. Com fome e sede, sob o calor médio de 42 graus da região, as invasões ao comércio ganhavam adeptos em cidades vizinhas: Mombaça, Acopiara, Solonópolis, Igatu, Piedra Branca.

Preocupado com o aumento dos saques e com a massa de flagelados ameaçando migrar para a capital, no mês de abril o governo decidiu criar sete campos de apoio aos quais chamou de comissões. Havia comissões em Quixeramobim, Ipu, Crato, Quixadá, Juazeiro do Norte, Fortaleza e Senador Pompeu. "O governo dizia que quem quisesse escapar da fome e da sede era só se dirigir para uma das comissões", conta Alves. "Sem opção, gente de todos os lugares partiu para esses redutos." Senador Pompeu era o destino dos famintos das cidades vizinhas.

Cabeças raspadas - A chegada dos flagelados brasileiros nas comissões assemelhava-se ao modo como os judeus eram recebidos nos campos nazistas. Em Senador Pompeu, as



Risco opormento: R\$ 18 mil

pessoas tinham a cabeça raspada por causa dos piolhos, recebiam uma combinação de calça e camisa brancas feitas de sacos de açúcar e os chefes de família ganhavam uma senha que lhes daria direito a uma cesta básica. Ironia, em maio de 32, o governo Vargas baixava o decreto 21.354 que estabelecia jornada de oito horas na indústria e, semanas mais tarde, novo decreto estabelecia o princípio de salário igual para trabalho igual. Para os moradores de Senador Pompeu não havia trabalho nem mesmo salário. A miséria igualava-se.

Em pouco tempo, cerca de 16 mil famílias instalaram-se no campo de Senador Pompeu. "Quem entrasse não podia sair", lembra o sobrevivente Guilherme Sabino, de 74 anos. Soldados montavam guardanets trilhas de acesso ao campo. "Eles tomavam todas as bocas de caminho", narra. "Quem cismasse de fugir era levado para o sebo." O sebo era a prisão, um edifício de dois metros quadrados construído em taipa.

Trips de boi - A "cesta básica" distribuída no campo consistia num punhado de feijão preto, farinha, tripa e sangue do boi coado. "Quem comia morria de disenteria e quem não comia morria de fome", resume outra sobrevivente, dona Emília, de 78 anos. As vezes era dado café, açúcar e arroz, mas só a papa, chamada de xerê.

As filas para receber a comida começavam a ser formadas por volta do meio-dia e ainda à noite havia quem esperasse pelo alimento. "Como o feijão era velho, estragado, as pessoas socavam os grãos com o punho e cozinham aquela massa", conta o diretor. "Lembro que o sangue de boi coado era torrado com café e feijão", conta a sobrevivente Luiza Lobo. "Quase todo mundo que a gente conheceu lá dentro morreu".

Segundo contam os sobreviventes, covetes recheavam-se em turnos para trabalhar 24 horas por dia tanto eram os mortos. "Os corpos eram jogados em valas cobertas por pedras para evitar a presença de cachorros e de urubus", descreve o diretor.

Governo ignora - No Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Denoc), em Fortaleza, não há registros do episódio. "Não há dados oficiais porque é muito antigo", informa a direção do Denoc por meio de seu assessor de imprensa, José Clayton. O órgão responsável pelas Secas na época era a Inspeção Federal de Obras contra as Secas (Ifoc).

Em fevereiro de 33, 11 meses depois de aberto o campo de concentração de Senador Pompeu, uma forte chuva des-

GOVERNO TEMIA MIGRAÇÃO PARA CAPITAL

SOBREVIVENTES



LUÍZA PEREIRA LOBO, de



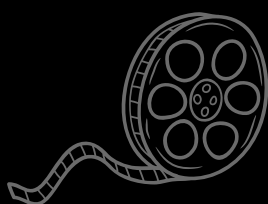
DONA EMÍLIA, de 85 anos -



GUILHERME SABINO, de 74



MARIA DE JESUS, de 78

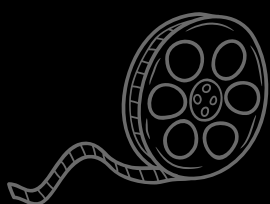


Programa Interação

Formação Audiovisual nas Escolas Públicas do Ceará



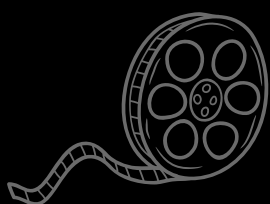
Flávio Alves participou como ministrante no programa Interação de Formação Audiovisual, realizado em escolas públicas do Ceará. Compartilhou sua trajetória como diretor e produtor, abordando temas como produção cultural, roteiro, linguagem cinematográfica e experiências práticas no audiovisual. Sua atuação contribuiu para inspirar jovens da rede pública e fortalecer novas narrativas no cenário cearense.



Programa Interação

Formação Audiovisual nas Escolas Públicas do Ceará



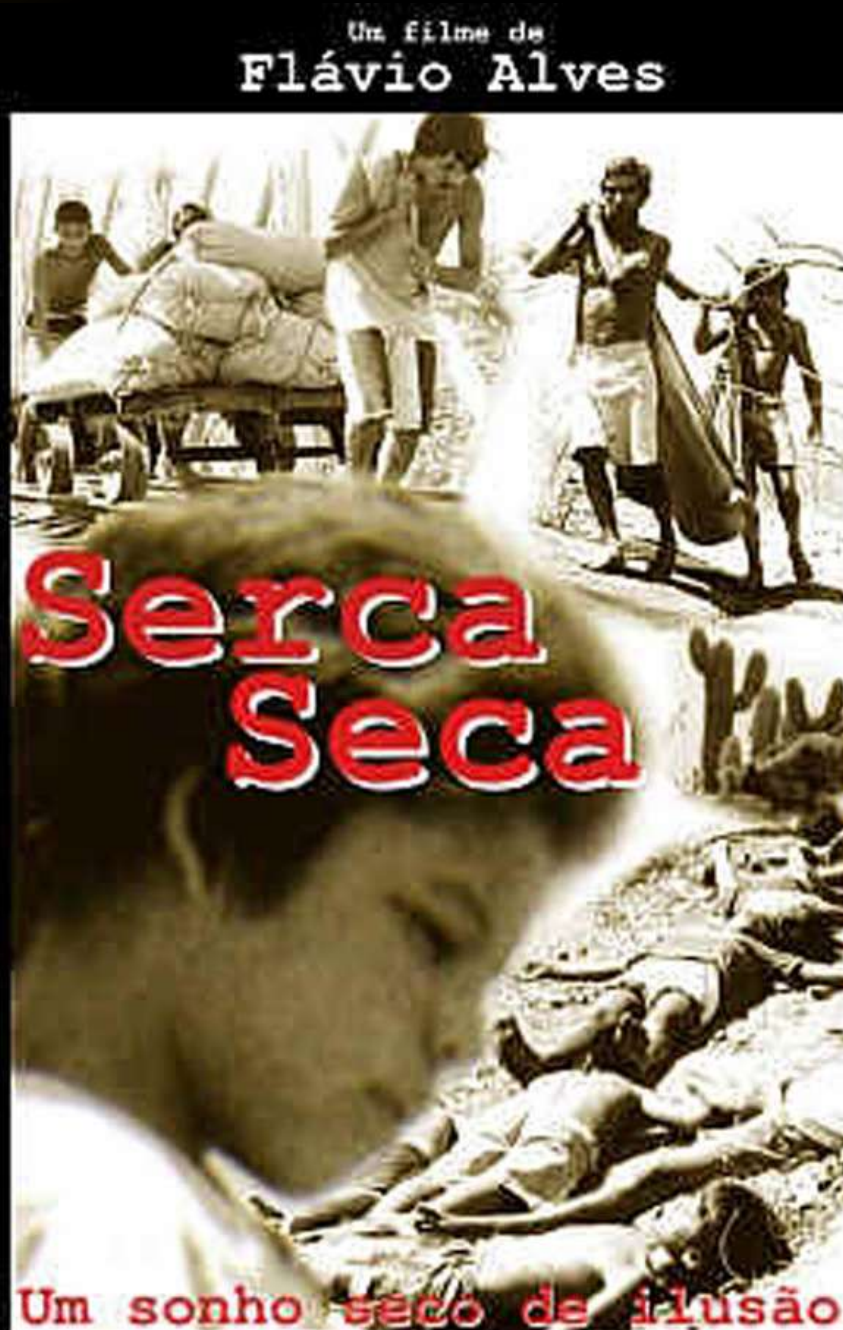


Programa Interação

Formação Audiovisual nas Escolas Públicas do Ceará



Filme Serca Seca



Primeiro contato de Flávio Alves com o audiovisual, "Serca Seca" foi uma ideia que ele concebeu, escreveu, produziu, gravou e dirigiu praticamente sozinho.



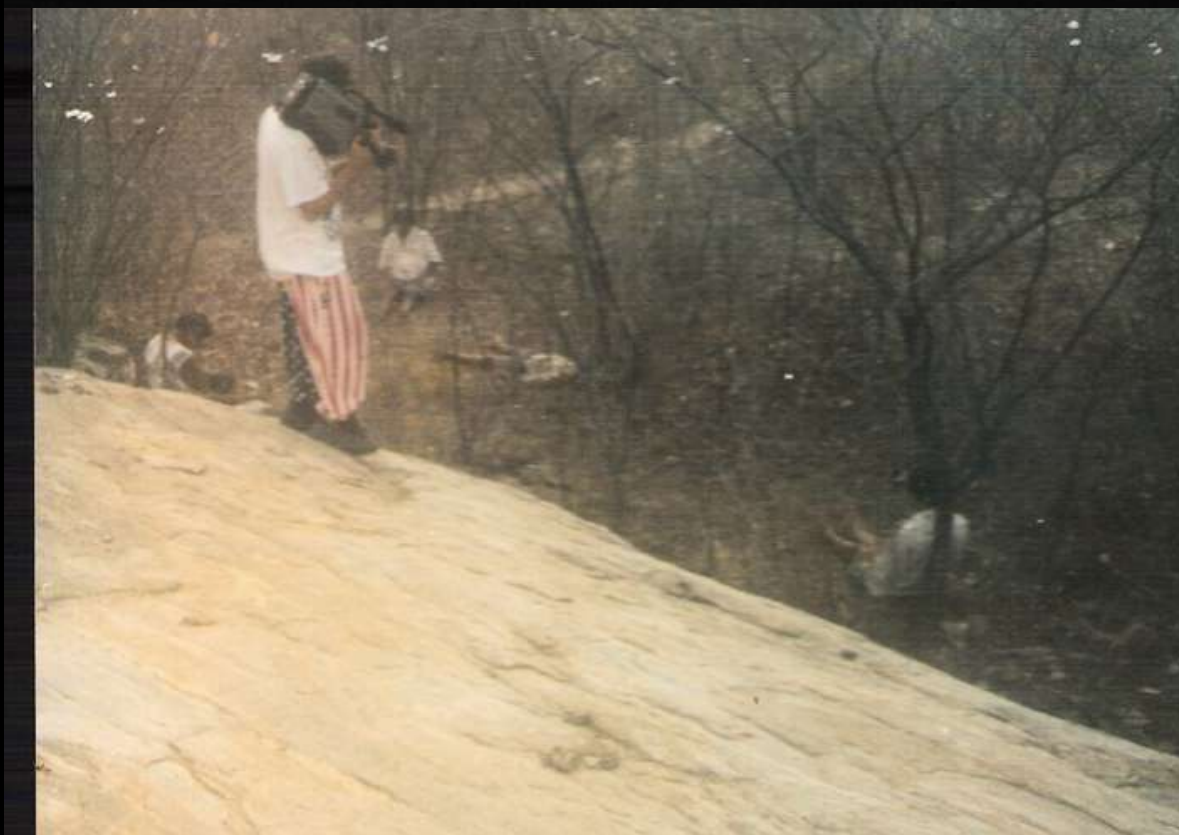
Filme Serca Seca



O filme marcou também o início de sua relação com a história dos campos de concentração no Ceará, ao abordar o sofrimento dos sobreviventes do Campo de Concentração do Patu, em Senador Pompeu, sua cidade natal.



Filme Serca Seca



Filme Serca Seca



Filme Serca Seca

Pagamento de figurantes
com cestas básicas



Com linguagem de doc ficção e participação de moradores locais como figurantes, o longa alcançou reconhecimento em festivais nacionais e internacionais, sendo um importante marco na trajetória do diretor.



Assim, Flávio Alves, começou a construir o seu acervo que hoje reúne registros únicos sobre os campos de concentração e as grandes secas do Ceará.



Assim, Flávio Alves, começou a construir o seu acervo que hoje reúne registros únicos sobre os campos de concentração e as grandes secas do Ceará.



Digitalização do acervo audiovisual de Flávio Alves, preservando décadas de registros sobre os campos de concentração e a história das secas no Ceará."



Centro Cultural Senador Pompeu-CE



Flávio Alves fundou um centro cultural em Senador Pompeu, onde mais de 500 crianças participaram de cursos de teatro, dança, artesanato, informática e outras atividades artísticas e formativas.



Centro Cultural Senador Pompeu-Ce



Centro Cultural Senador Pompeu-CE



Centro Cultural Senador Pompeu-CE



Diretor de TV

A paixão de Flávio Alves pela direção sempre foi movida pela vontade de comunicar, conectar e valorizar diferentes expressões culturais. Em 2005, fundou a Pathu Produções, que inicialmente atuou registrando festas e eventos locais, fortalecendo o olhar sensível para as manifestações da comunidade. Com o tempo, Flávio expandiu sua atuação, criando programas autorais para a televisão, sempre com viés de informação e cultura. Entre eles, destaca-se o Programa Enter, que abordava temas de tecnologia e inovação com linguagem acessível, exibido na TV Diário, TV Record e Band. Em seguida vieram projetos como o Programa Take, na TV Cultura, e o Programa ÉModa, na Band, reafirmando sua trajetória como diretor de conteúdos voltados à informação, comportamento e cultura.



Programa Opinando



Programa Direto Noar



Programa Enter



Programa Entre Ideias

TV Cultura



TV Noar e Noar Streaming



Flávio Alves idealizou e lançou no Ceará a TV Noar, uma IPTV digital voltada à difusão de conteúdos culturais, artísticos e formativos. A iniciativa surgiu com o objetivo de valorizar a produção local e ampliar o acesso do público a eventos relevantes do cenário cultural.

Junto à TV, surgiu também a Noar Transmissões, especializada na cobertura ao vivo de grandes eventos. Ambas as plataformas se destacaram na realização técnica e transmissão de importantes ações culturais, como a Mostra SESC Cariri, o festival Prazeres da Mesa, espetáculos, seminários e outros eventos ligados à cultura, gastronomia e arte.



TV Noar e Noar Streaming

Mostra Sesc Cariri



TV Noar e Noar Streaming

Quinta com verso e viola



A TV Noar e a Noar Transmissões consolidaram-se como ferramentas inovadoras na promoção e democratização do acesso à cultura, aliando tecnologia e compromisso com a valorização da identidade cultural.



TV Noar e Noar Streaming

Saberes e Sabores - Senac





Flávio Alves

Diretor, Roteirista e Produtor

Contato: (85) 99977.1436

E-mail: flavioalves.cinema@gmail.com